

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v19i37.23635>

## A RELIGIOSIDADE POPULAR DE SANTO ANTÔNIO COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM DIFERENTES LOCALIDADES

**Lirithy Vitória Silva Tavares**

Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe

E-mail: [tavareslirithy@gmail.com](mailto:tavareslirithy@gmail.com) <https://orcid.org/0009-0009-3578-1218>**Antonio Fernando de Araújo Sá**

Professor Titular DHI/ UFS

E-mail: [fernandosa@academico.ufs.br](mailto:fernandosa@academico.ufs.br) <https://orcid.org/0000-0001-6496-4456>

### Resumo

Este artigo analisa como a devoção a Santo Antônio é vivenciada e ressignificada em diferentes contextos socioculturais, comparando as cidades de Itabaiana (SE) e Canudos (BA). A partir das ideias de identidade como processo em transformação e da memória como construção social, investiga como as práticas religiosas servem para afirmar o pertencimento, criar narrativas e ressignificar experiências coletivas. O estudo mostra que o sagrado está presente no cotidiano das comunidades, funcionando como um espaço dinâmico onde tradição, cultura e identidade se negociam e se renovam.

**Palavras-chave:** Santo Antônio; Manifestações religiosas; Tradição cultural; Memória.

## THE POPULAR RELIGIOSITY OF SANTO ANTÔNIO AS A SPACE OF MEMORY AND IDENTITY IN DIFFERENT LOCALITIES

### Abstract

This article analyzes how devotion to Saint Anthony is experienced and resignified in different sociocultural contexts, comparing the cities of Itabaiana (SE) and Canudos (BA). Based on the ideas of identity as a process in transformation and memory as a social construction, it investigates how religious practices serve to affirm belonging, create narratives and resignify collective experiences. The study shows that the sacred is present in the daily life of communities, functioning as a dynamic space where tradition, culture and identity are negotiated and renewed.

**Keywords:** Santo Antônio; Religious manifestations; Cultural tradition; Memory.

Processamento textual: Recebido em 2025-10-20 Revisado em 2025-11-06 Aprovado em 2025-01-12

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025*  
ISSN: 1982 -193X



## Introdução

A devoção a Santo Antônio é uma das expressões religiosas mais conhecidas e enraizadas no Brasil, tendo destaque no Nordeste, onde a religiosidade popular se mistura com a história, formando a identidade local, a memória coletiva e a resistência cultural. A chegada dessa devoção ao país aconteceu ainda no período colonial, quando os missionários franciscanos a espalharam, conquistando o coração tanto de quem vivia no campo quanto nas cidades. No Nordeste, em especial Santo Antônio ganhou um espaço especial na fé e nas festas, tornando-se um dos santos mais amados da tradição católica popular. Entre os lugares que o têm como padroeiro, Itabaiana, em Sergipe, e Canudos, na Bahia, se destacam como ótimos exemplos para entender como a mesma figura sagrada pode ser vista de formas diferentes, dependendo da cultura local.

A crença nos santos populares, é muito importante para a cultura e para a formação da identidade de cada lugar, Santos como Santo Antônio, São João e São Pedro que estão ligados às festas juninas e se tornam não só motivos de fé, mas também símbolos que organizam costumes sociais, culturais e econômicos próprios de cada região, além disso, as festas populares no Brasil, incluindo as dedicadas aos santos juninos, são necessárias para o calendário social das comunidades, e serve como momentos de encontro, união e renovação da identidade cultural, para a comunidade.

Apesar de ambos os lugares terem em comum o mesmo santo como padroeiro, a escolha de Itabaiana e Canudos para análise não se baseia apenas nessa coincidência. O principal motivo são as características únicas de cada lugar, já que a forma como demonstram Sua fé reflete seus costumes sociais, políticos e econômicos. Em Itabaiana, por exemplo, a devoção mostra um cenário urbano e comercial em crescimento, e as festas de Santo Antônio que misturam o sagrado e o profano, mostram como a fé se junta a outras expressões culturais populares. Um exemplo disso é a trezenas de Santo Antônio, que além das missas, tem shows, feiras e outras atrações, se caracterizando como a tradicional Festa dos Caminhoneiros. Essa mistura pode ser vista como uma pausa na rotina, um momento em que o sagrado e o profano se encontram, permitindo que as pessoas mostrem seus valores e conflitos que, no dia a dia, ficam escondidos na rotina (DaMatta, 1997).

Em Canudos, a devoção a Santo Antônio assume contornos singulares, atravessados pelas marcas históricas da Guerra de Canudos (1896-1897). Seu trezenário ao mesmo tempo em que *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025* ISSN: 1982 -193X



mobiliza a dimensão religiosa com as novenas, missas e procissões, também incorpora elementos profanos característicos das festas juninas nordestinas, como apresentações culturais, shows e manifestações populares, entretanto, as comemorações em Canudos carregam um peso simbólico adicional, o território é permanentemente rememorado como espaço de resistência popular e ressignificado como lugar de memória<sup>1</sup> (Halbwachs, 1990), no qual a festividade religiosa se converte também em prática de afirmação identitária e de reconstrução da memória coletiva.

Assim, esse artigo propõe entender como a devoção a Santo Antônio é vivenciada, apropriada e ressignificada em diferentes contextos socioculturais, tomando como estudo comparativo os municípios de Itabaiana (SE) e Canudos (BA), partindo da compreensão de identidade como um processo relacional e em constante transformação (Hall, 2006), e da noção de memória como construção social (Pollak, 1989), para investigar como práticas devocionais funcionam como estratégias simbólicas de afirmação de pertencimento, elaboração de narrativas e ressignificação das experiências coletivas. Ao explorar essas manifestações da religiosidade popular, o trabalho busca contribuir para o entendimento de como o sagrado se entrelaça ao cotidiano das comunidades, operando como um campo dinâmico de negociação entre tradição, cultura e identidade no Brasil.

### **Origens, religiosidade popular e a festa como espaço simbólico no culto a Santo Antônio**

Santo Antônio, nasceu em Fernando de Bulhões em Lisboa no ano de 1195, e se destacou como frade franciscano, orador notável, teólogo e professor, com o título de "Martelo das Heresias"<sup>3</sup>. Ele morreu em Pádua, em 13 de junho de 1231, com seus 36 anos. Sua canonização foi oficializada em 30 de maio de 1232 pelo Papa Gregório IX, menos de um ano após seu falecimento, extremamente rápido. Essa rápida canonização é vista como uma das mais famosas da Igreja Católica, impulsionada pela sua reputação de santidade em vida e pelas histórias que circularam sobre seus milagres, incluindo curas, bilocação, ressurreições e outros feitos extraordinários. Tais narrativas foram essenciais para confirmar sua santidade, servindo também para fortalecer a Ordem Franciscana, que procurava exemplos a seguir após a morte de

---

<sup>1</sup> Espaço simbólico onde a memória coletiva é ancorada, atualizada e transmitida socialmente (Halbwachs, 1990, p. 92).

Francisco de Assis. A canonização reflete o contexto da Igreja do século XIII, marcado por lutas contra as heresias, tensões com o Islã e o desejo de reforçar a ortodoxia. Nesse cenário, Frei Antônio se tornou um símbolo de ortodoxia, humildade e dedicação missionária (Costa, 2009). Seu reconhecimento pela Igreja cresceu ainda mais em 1946, quando foi proclamado Doutor da Igreja, devido à sua doutrina e eloquência teológica.

No Brasil, a devoção a Santo Antônio chegou com os missionários portugueses, principalmente franciscanos, durante o período colonial, sendo rapidamente adotada pelas pessoas, ele passou a ser visto como um santo próximo, ligado à proteção dos pobres, à ajuda em situações complicadas, à recuperação de objetos perdidos e ao casamento. Santo Antônio se estabeleceu como um símbolo de fé popular e familiar, por sua capacidade de realizar milagres e resolver problemas práticos, adaptando-se aos lares e às necessidades das pessoas (Costa, 2009). Essa fama foi ampliada pelo sincretismo religioso em religiões afro-brasileiras, como no candomblé da Bahia, ele é associado ao orixá Ogum<sup>2</sup>, fortalecendo sua imagem como um guerreiro e protetor (Braga; Rodrigues, 2009). Sua capacidade de se conectar com diferentes crenças contribuiu para sua duradoura devoção e importância no catolicismo popular brasileiro, principalmente no Nordeste.

No cenário nordestino do Brasil, a vivência do catolicismo popular revela um universo vibrante de ritos e crenças que, embora distintas das normas rígidas da Igreja, permanecem profundamente conectadas à fé sentida pelas pessoas da região. Essas práticas, com raízes no cristianismo europeu, foram transformadas pelas culturas locais, gerando demonstrações de devoção singulares, cheias de sentido, celebrações e representações. Conforme Queiroz (1968) observou, desde o Brasil Colônia existia uma separação entre o catolicismo "formal", associado aos ensinamentos do clero, e o catolicismo "popular", mais aberto às heranças africanas e indígenas, criando assim uma teia complexa de fusões religiosas no país. Essas manifestações de fé, influenciadas por ambientes socioculturais particulares, funcionam como palcos simbólicos onde as comunidades definem seus laços, renovam costumes e edificam entendimentos coletivos, solidificando a religiosidade popular como um ponto crucial de convergência entre lembranças, cultura e individualidade.

---

<sup>2</sup> No candomblé, Ogum é o orixá do ferro, da guerra e dos caminhos abertos. Sua associação com Santo Antônio expressa a fusão simbólica entre o catolicismo e as religiões afro-brasileira (Prandi, 1997, p. 29). Vale ressaltar que essa associação não é universal, na Bahia e em Sergipe é Ogum, já em outras localidades a nomenclatura pode mudar.

Essa forma de religiosidade, segundo Eliade (1992), não deve ser entendida como manifestação periférica, mas como uma estrutura simbólica que organiza a percepção do mundo. Para o autor, “o homem moderno a-religioso assume ainda, sem o saber, uma série de comportamentos formados por atitudes religiosas do homem arcaico” (Eliade, 1992, p. 23), indicando a persistência inconsciente de estruturas simbólicas da fé em práticas cotidianas aparentemente seculares. Na região do Cariri cearense, especialmente em localidades como Barbalha, observa-se um catolicismo popular caracterizado pela forte autonomia em relação ao clero, com práticas devocionais conduzidas por leigos e centradas em experiências de fé comunitária. A falta histórica de padres e a geografia dispersa do sertão contribuíram para o desenvolvimento de uma religiosidade mais espontânea, menos dependente das estruturas litúrgicas formais, mas não menos significativa para os sujeitos envolvidos.

As festas religiosas representam momentos privilegiados dessa expressão do catolicismo popular. Rita Amaral (2004) destaca que tais festas operam entre os polos do sagrado e do profano, funcionando como “momentos de ambiguidade simbólica” em que os limites entre rito e celebração se esbatem. A festa, segundo a autora, “rompe com a ordem cotidiana e introduz um tempo extraordinário”, no qual a comunidade encena coletivamente sua fé e valores (Amaral, 2004, p. 59). Essa ambivalência estrutural das festas religiosas, ao tensionar o sagrado e o profano, cria um campo de negociação simbólica<sup>3</sup> em que as comunidades atualizam narrativas históricas, expressam valores coletivos e afirmam identidades culturais em constante transformação. Nessas celebrações, a ritualidade formal convive com expressões populares espontâneas, como na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, município do Ceará, que envolve corte, transporte e hasteamento do mastro em cortejos com músicas, bebidas, rezas e danças.

Essa ambiguidade foi analisada também por DaMatta (1997), que considera a festa como “o momento da exceção”, no qual a ordem cotidiana é suspensa ou invertida, permitindo à sociedade dramatizar suas tensões, valores e contradições. Para ele, a festa atua como “instrumento de teatralização da vida social”, em que a comunidade se representa a si mesma por meio de símbolos religiosos e culturais. Já Câmara Cascudo (1972) interpreta a festa como

---

<sup>3</sup> Ao tratar das identidades culturais e do processo de significação, Stuart Hall (2006) fala de como os sujeitos e grupos sociais negociam significados, especialmente no campo da representação, o que pode ser lido como uma forma de negociação simbólica, que se refere aos processos por meio dos quais os sujeitos atribuem, disputam e (re)significam sentidos e valores no âmbito das relações sociais e culturais. Ela ocorre quando símbolos, rituais, tradições, imagens ou narrativas são colocados em circulação e reinterpretados pelos grupos sociais em seus contextos específicos (Hall, 2006, p. 13)

um verdadeiro “calendário emocional” das comunidades, capaz de reorganizar a experiência social ao dar corpo à tradição e à memória coletiva. A convivência entre o religioso e o profano, nesse contexto, não representa um conflito, mas uma característica constitutiva das festas populares brasileiras, possibilitando que diferentes grupos participem por motivações variadas — religiosas, culturais, econômicas ou afetivas — reforçando seu papel como espaço de pertencimento e reconstrução de vínculos sociais.

Dessa forma, compreender a festa religiosa como espaço simbólico de negociação entre o sagrado e o profano é essencial para analisar fenômenos como a Festa do Pau da Bandeira em Barbalha ou a Festa dos Caminhoneiros em Itabaiana. Mais do que eventos isolados, tais festas tornam-se espelhos da cultura local, nos quais a comunidade se reconhece, se representa e se reinventa continuamente, iluminando como a religiosidade popular se constitui em recurso estratégico para atualizar tradições, negociar identidades e construir narrativas coletivas que dão sentido à experiência social.

### **A devoção a Santo Antônio em Itabaiana e Canudos: entre fé, identidade e memória**

A maneira como Itabaiana se desenvolveu está intrinsecamente ligada à devoção a Santo Antônio, formando a identidade cultural da cidade. De acordo com Baldock (2017), a mudança do antigo povoado para onde hoje é Itabaiana foi simbolizada pela construção da Igreja Matriz de Santo Antônio e Almas, num terreno comprado pela Irmandade das Almas, conhecido como Caatinga de Ayres de Rocha Peixoto. Essa mudança não foi fácil, a imagem de Santo Antônio que ficava na antiga capela, foi secretamente levada para a nova igreja, o que deu origem ao apelido famoso de “Santo Antônio Fujão”, um símbolo da ligação entre o santo e a comunidade. Desse momento em diante, a adoração a Santo Antônio se firmou como elemento central da cidade, estreitando os laços comunitários e destacando a importância do santo na fé popular de Itabaiana (Baldock, 2017). A devoção ao padroeiro criou raízes tão profundas que, ainda no século XVII, antes mesmo de Itabaiana se tornar vila, já se falava da existência de uma igreja construída em sua honra em terras itabaianenses, mostrando o quanto os primeiros habitantes valorizavam o santo (Carvalho, 1973).

Ao longo do século XX, a cidade passou por profundas transformações econômicas e sociais, marcadas pela expansão do comércio, pela intensificação do transporte rodoviário e pelo

surgimento de Itabaiana como um polo de caminhoneiros em Sergipe e no Nordeste. Esse contexto econômico moldou a identidade local, conferindo ao caminhão e à profissão de caminhoneiro status de símbolos da cidade. Como resultado, a devoção a Santo Antônio foi ressignificada, o santo passou a ser também protetor dos caminhoneiros, incorporando a cultura do transporte como elemento central das celebrações (Mendonça, 2015). Essa ressignificação tornou-se mais evidente a partir da década de 1970, quando a festa em honra a Santo Antônio passou a integrar, de forma destacada as atividades que celebram a cultura caminhoneira, como carreatas, concursos, shows musicais e a Feira do Caminhão. Assim, a tradicional festividade religiosa transformou-se em um evento que articula dimensões sacras e profanas, projetando Itabaiana como a “Capital Nacional do Caminhão” e reforçando a devoção popular de maneira singular (Mendonça, 2015).

A devoção a Santo Antônio em Canudos está profundamente ligada aos processos históricos que marcaram a região, sobretudo aos acontecimentos da Guerra de Canudos (1896–1897) e à liderança de Antônio Conselheiro, figura central do movimento social e religioso que ali se formou. Antes mesmo do conflito, o local já era conhecido pelos sertanejos como ponto de passagem para comerciantes, e viajantes, servindo como ponto de parada e abastecimento. Por ser afastado das cidades, Canudos também se tornou refúgio de marginalizados que buscavam escapar da ordem republicana. Em 1890, sua população era estimada em apenas 250 habitantes (Rozeaux, 2020).

Quando Antônio Conselheiro passou pela localidade pela primeira vez, prometeu retornar para construir uma igreja, promessa que se cumpriu em 1893, com a edificação da Igreja de Santo Antônio, situada junto à praça principal. Esta foi a primeira grande obra do arraial e rapidamente transformou-se em eixo organizador da vida comunitária (Rozeaux, 2020). O crescimento demográfico de Canudos deveu-se, em grande parte, ao carisma do líder religioso e às condições de exclusão e miséria que assolavam os sertanejos, especialmente os grupos nômades marginalizados. Em poucos anos, a população saltou de cerca de 250 habitantes para aproximadamente 20 a 30 mil em 1897, tornando-se a segunda maior aglomeração da Bahia, atrás apenas de Salvador.

Esse crescimento acelerado resultou em uma urbanização improvisada e desordenada: a cada novo migrante era atribuído um lote para construção, e as casas espalhavam-se ao redor da praça central, pelas encostas e pelo planalto. As doações e esmolas financiavam a construção de

igrejas, o cuidado com enfermos e pobres, bem como a fortificação da vila. Mesmo afastada dos principais circuitos comerciais, Canudos articulava uma rede de trocas e abastecimento fundamental para sua sobrevivência, consolidando-se como uma experiência urbana sem precedentes nos sertões brasileiros (Rozeaux, 2020).

Em meio a esse processo de crescimento, a devoção a Santo Antônio ganhou contornos específicos. Para a população que se reuniu em torno de Antônio Conselheiro, o santo não era apenas padroeiro espiritual, mas símbolo de justiça divina e esperança em tempos de extrema pobreza, seca e opressão política. A vila foi fundada oficialmente por Conselheiro em 1893 e ali Santo Antônio se tornou padroeiro do arraial e referência espiritual para os milhares de sertanejos que se estabeleceram no local (Brandão, 1983; Cunha, 2011). Durante a Guerra de Canudos, a devoção a Santo Antônio foi mobilizada como fonte de resistência simbólica frente às tropas republicanas. As narrativas sobre o conflito destacam a presença constante de práticas devocionais, procissões e rezas, mesmo em meio à violência, como expressão de fé coletiva e resistência cultural. Segundo relatos históricos, Conselheiro utilizava referências à imagem do santo em seus sermões e associava sua figura à luta contra a injustiça, reforçando a ideia de que Canudos era uma terra abençoada e protegida (Cunha, 2011; Leite, 1982).

Mesmo após a devastação de Canudos pelas tropas republicanas em 1897, a fé em Santo Antônio não se extinguiu na região, perpetuando-se como uma lembrança ativa da resistência popular. Ao refazerem o vilarejo muitos anos depois, Santo Antônio seguiu como protetor, consolidando o elo entre crença, caráter sertanejo e memória histórica. Atualmente, as celebrações ao santo em Canudos rememoram esse passado, unindo elementos do período junino nordestino — como novenas, missas, procissões e apresentações culturais — à dimensão simbólica da luta do povo de Canudos por dignidade e justiça social (Santos, 2006).

Como afirmam Araújo Sá e Andrade (2011, p. 133), “a memória de Canudos não é neutra nem consensual, mas se constitui como uma verdadeira batalha simbólica”, na qual diferentes grupos sociais — entre moradores locais, pesquisadores, romeiros e instituições — disputam os sentidos do passado para afirmar identidades, denunciar injustiças históricas e reivindicar reconhecimento. Nesse processo, a fé em Santo Antônio funciona como um elo vital com o passado, unindo o presente às narrativas de luta dos seguidores de Conselheiro e preservando a história de Canudos como pilar na formação da identidade sertaneja.

A veneração a Santo Antônio em Canudos, desse modo, vai além da celebração religiosa e se

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025*  
ISSN: 1982-193X



firma como peça-chave na construção de uma memória compartilhada, forjada na resiliência e na resistência. O padroeiro assume a posição de símbolo identitário, e as festas religiosas transformam-se em atos que reafirmam a trajetória histórica da região e a força de seu povo. As trajetórias devocionais a Santo Antônio nas cidades de Itabaiana e Canudos revelam como uma mesma figura religiosa pode assumir significados distintos quando imersa em contextos socioculturais particulares. Em Itabaiana, a devoção dialoga com a identidade econômica urbana e comercial da cidade, incorporando a cultura dos caminhoneiros e promovendo uma festa híbrida entre o sagrado e o profano. Já em Canudos, apesar de apresentar também uma festa híbrida, que transita entre o Sagrado e o Profano, Santo Antônio é ressignificado como ícone da resistência popular, fortemente vinculado à memória da Guerra de Canudos e à religiosidade sertaneja marcada pela dor, fé e luta.

Ambas as localidades, apesar das diferenças estruturais, apresentam a devoção ao santo como um eixo articulador de identidades locais. Por meio das festividades, da oralidade e da ocupação ritual do espaço, o culto a Santo Antônio reafirma laços comunitários, reinterpreta a história local e mantém vivas práticas culturais que transcendem a simples expressão religiosa, inserindo-se em uma dinâmica maior de pertencimento, resistência e memória coletiva.

### **Análise comparativa das formas de culto e expressões culturais em Itabaiana-SE e Canudos-BA**

A comparação entre as devoções a Santo Antônio em Itabaiana-SE e Canudos-BA justifica-se pelo fato de ambos municípios compartilharem o mesmo padroeiro como figura central de suas manifestações religiosas, mas apesar disso, apresentarem expressões culturais diferentes, moldadas por seus próprios contextos históricos, econômicos e sociais. Essa análise está fundamentada na perspectiva proposta por Levi (2005), onde o estudo de micro-histórias<sup>4</sup> locais permite entender como diferentes comunidades interpretam e ressignificam símbolos comuns, apropriando-os de acordo com suas necessidades, valores e trajetórias socioculturais.

---

<sup>4</sup> Giovanni Levi define a micro-história como abordagem que privilegia o estudo de experiências locais e particulares para revelar estruturas sociais mais amplas. (Levi, 2005, p. 124).

Ao comparar as práticas devocionais festivas, os usos simbólicos e as memórias coletivas que se articulam em torno de Santo Antônio em cada cidade, é possível compreender como processos de construção identitária, resistência cultural e afirmação de pertencimento se expressam de maneiras variadas dentro de uma mesma matriz religiosa. Conforme destacam Olick & Robbins (1998), a memória social não é estática ou neutra, mas constitui-se em prática coletiva, marcada por disputas de sentido, seleções e esquecimentos que moldam as identidades e os horizontes simbólicos dos grupos. Desse modo, a análise entre essas devoções transcende a simples identificação de semelhanças ou diferenças superficiais, buscando distinguir como os sentidos atribuídos ao santo emergem das interações históricas, das dinâmicas sociais e das disputas simbólicas que configuram cada realidade local.

A análise das devoções a Santo Antônio em Itabaiana-SE e Canudos-BA evidencia como uma mesma figura religiosa, ancorada em matriz católica comum, assume significados e funções sociais distintas conforme as histórias, economias e memórias culturais de cada comunidade. Esse fenômeno revela não apenas as diferentes formas de manifestação da fé, mas também as complexas estratégias simbólicas que as populações constroem para lidar com suas realidades, suas memórias coletivas e suas necessidades de pertencimento. Trata-se

de um exemplo paradigmático do que Stuart Hall (2006) denomina processo identitário, no qual as identidades não são fixas, naturais ou essencializadas, mas se constroem historicamente em diálogo com as condições sociais, políticas, culturais e econômicas em que os grupos estão inseridos. Hall ressalta que símbolos culturais, como a devoção a um santo, não possuem significados estáticos, ao contrário, eles são continuamente ressignificados pelas comunidades que os adotam como referência, tornando-se instrumentos simbólicos capazes de expressar pertencimento, reivindicar direitos, afirmar diferenças ou até mesmo resistir a processos de dominação.

Essa dinâmica faz com que símbolos religiosos se tornem recursos centrais para que grupos sociais definam quem são, quais valores defendem e como se posicionam em relação às suas próprias histórias, aos outros grupos e às transformações do presente. Como já discutido por Hall, a identidade, nesse sentido, é construída coletivamente a partir de narrativas compartilhadas que permitem às comunidades articular experiências, produzir memórias e estabelecer laços de solidariedade que conferem coesão e sentido à vida social. É nesse processo de circulação de narrativas, ressignificação de símbolos e produção de sentidos que a devoção

a Santo Antônio em Itabaiana e Canudos se configura como expressão singular de identidades que, embora compartilhem um mesmo referencial religioso, emergem de realidades históricas profundamente diferentes.

No caso de Itabaiana, a centralidade da economia do transporte rodoviário e do comércio moldou uma devoção que conecta o sagrado às atividades profissionais e à mobilidade social, consolidando a figura de Santo Antônio como “protetor dos caminhoneiros”. Esse processo de ressignificação simbólica ocorre em um contexto em que Itabaiana se projetou regional e nacionalmente como a “Capital Nacional do Caminhão”, título que reflete a impressionante frota de caminhões registrados no município, título conferido pela ex-presidente da República, Dilma Rousseff, por meio da Lei nº 13.044 em 2014, e a importância do transporte rodoviário para a economia local (Prefeitura de Itabaiana, 2024).

A Festa dos Caminhoneiros de Itabaiana, integrada às comemorações do padroeiro Santo Antônio, destaca-se como maior evento do gênero no Nordeste, reunindo missas, procissões motorizadas, shows artísticos, concursos e a tradicional Feira do Caminhão, que movimentam não apenas a fé popular, mas também a economia da cidade, com geração de empregos temporários, aquecimento do comércio e atração de turistas (Prefeitura de Itabaiana, 2024). Segundo a organização do evento, em 2024 a festa reuniu mais de 200 mil pessoas, reforçando o caráter de grande manifestação popular que ultrapassa os limites do religioso para se tornar expressão cultural e econômica marcante. Essa articulação entre devoção e economia reforça a memória social ativa, na qual grupos e comunidades utilizam símbolos do passado — como Santo Antônio, padroeiro histórico da cidade — para legitimar e fortalecer práticas, crenças e identidades que respondem às condições do presente. Nesse sentido, o santo é reinterpretado como guardião dos caminhoneiros, incorporando as aspirações, os valores e os desafios enfrentados por uma cidade que tem no transporte rodoviário a base de sua prosperidade. Assim, a festa religiosa em honra a Santo Antônio torna-se também um momento de reafirmação do papel central dos caminhoneiros na vida econômica e social de Itabaiana, evidenciando a força da religiosidade popular como mecanismo de construção e atualização identitária. Essa relação entre devoção religiosa, identidade econômica e orgulho local revela como a religiosidade popular em Itabaiana opera como campo de negociação simbólica, permitindo reafirmar sua identidade a partir da tradição, adaptada às transformações contemporâneas.

Já em Canudos, a devoção a Santo Antônio adquire significados que extrapolam a proteção

cotidiana para tornar-se poderoso símbolo de resistência popular, justiça social e memória coletiva do sertão. A festa em homenagem ao padroeiro mobiliza narrativas de esperança herdadas do episódio da Guerra de Canudos (1896-1897), quando milhares de sertanejos, reunidos em torno de Antônio Conselheiro, resistiram bravamente às tropas republicanas, marcando profundamente a história brasileira (Cunha, 2011; Santos, 2006). A memória do massacre não desapareceu: ela permanece viva nas festas religiosas, nas romarias, nos rituais comunitários e nos espaços de memória como o Parque Estadual de Canudos, o Instituto Popular Memorial de Canudos onde se realizam homenagens a Santo Antônio como forma de manter acesa a lembrança dos conselheiristas e afirmar a dignidade do povo sertanejo (Parque Estadual de Canudos, 2024). Nesse contexto, a devoção a Santo Antônio se torna instrumento de ressignificação do passado traumático e de reconstrução identitária, evidenciando como a religiosidade popular atua como espaço de elaboração coletiva de sentido, resistência simbólica e afirmação cultural.

Essas diferenças revelam como as festas religiosas e as práticas de culto não podem ser compreendidas apenas como expressões homogêneas de fé, mas como fenômenos socioculturais profundamente inseridos nas dinâmicas de poder, memória e identidade de cada localidade. Como destaca Pollak (1992), a disputa pela memória, seja ela expressa em romarias, museus ou festividades, é também uma disputa por reconhecimento, voz e legitimidade social.

Nesse sentido, a comparação entre Itabaiana e Canudos oferece uma chave para compreender como as tradições religiosas não apenas preservam o passado, mas também atualizam e ressignificam sentidos, criando identidades coletivas que respondem a desafios históricos específicos. A análise das especificidades locais permite revelar processos culturais mais amplos, mostrando como as pessoas comuns produzem significados a partir de suas experiências concretas. (Levi, 2005)

Portanto, as devoções a Santo Antônio nessas duas cidades revelam a força da religiosidade popular como espaço de disputa de significados entre o sagrado, a economia, a memória histórica e a identidade cultural, confirmando que símbolos religiosos são reapropriados continuamente, de acordo com as demandas coletivas de cada comunidade. As formas distintas de celebrar Santo Antônio em ambos municípios ilustram como a mesma matriz religiosa pode ser apropriada de maneira singular, reafirmando que a religiosidade popular é, ao mesmo tempo,

tradição e inovação, possibilitando às comunidades negociar seus lugares no mundo, reinterpretar suas memórias e construir sentidos coletivos de pertencimento. Esse processo de ressignificação da tradição e reinvenção identitária pode ser entendido à luz do que Olábarri (1996) chama de “ressurreição de Mnemosine”, ou seja, a atualização contínua das memórias coletivas em novas circunstâncias históricas, permitindo que comunidades reconstruam sentidos de pertencimento a partir do passado, mas projetados para responder aos desafios do presente.

### Considerações Finais

Ao visualizar a devoção a Santo Antônio em diferentes localidades permitiu demonstrar que a religiosidade popular, longe de ser apenas um conjunto de práticas estáticas ou homogêneas, revela-se como campo privilegiado de negociação simbólica entre tradição, cultura e identidade. As trajetórias devocionais vistas evidenciam que símbolos religiosos compartilhados como a figura de Santo Antônio, podem adquirir significados usos e funções diferentes a depender das experiências históricas e dos contextos socioculturais que os moldam.

Dessa forma, é possível confirmar a hipótese delineada na introdução: a religiosidade popular opera como arena dinâmica em que comunidades reelaboram narrativas sobre si mesmas, atualizam sentidos de pertencimento e constroem estratégias para enfrentar desafios coletivos, articulando passado e presente de maneira criativa. Retomando Stuart Hall, a identidade deve ser compreendida como um processo relacional e em constante transformação, construído historicamente por meio de interações, negociações e ressignificações de símbolos culturais. a partir de interações, negociações e ressignificações dos símbolos culturais compartilhados. Nesse processo, os sujeitos e grupos sociais reconstróem quem são e como se relacionam com os outros, configurando identidades que são sempre parciais, instáveis e abertas a mudanças, característica evidente nas múltiplas leituras da figura de Santo Antônio em Itabaiana e Canudos.

A análise das devoções também reforça a concepção de memória como construção social, conforme aponta Michael Pollak (1989), para quem a memória não é apenas repositório do passado, mas prática coletiva marcada por seleções, esquecimentos e disputas de sentido. Pollak destaca que as memórias partilhadas constituem poderosos mecanismos de legitimação de

identidades, pois permitem às comunidades estabelecer marcos de reconhecimento que vinculam símbolos e narrativas históricas às necessidades do presente. Essa ideia se confirma na forma como as celebrações a Santo Antônio funcionam como instrumentos para atualizar valores comunitários, reafirmar pertencimentos e resistir simbolicamente a processos de marginalização social.

O estudo evidencia, assim, que em contextos de religiosidade popular como os analisados, o sagrado não é apenas local de espiritualidade, mas é também espaço de mediação com a realidade social onde se dramatizam tensões se afirmam direitos, se constroem resistências e se celebram conquistas. As festas, rituais e narrativas associadas a Santo Antônio mostram que a fé é recurso cultural central para narrar histórias silenciadas, ressignificar traumas e projetar futuros coletivos, inserindo as práticas devocionais em uma trama complexa de poder, cultura e identidade.

Dessa forma, as devoções a Santo Antônio vistas neste artigo permitem compreender como a religiosidade popular no Brasil contemporâneo continua a desempenhar papel central na constituição de sentidos coletivos, revelando-se como expressão multifacetada de resistência cultural e espaço fecundo de reinvenção identitária. Ao articular sagrado, memória e cultura, as práticas devocionais reafirmam a capacidade das comunidades de transformar símbolos compartilhados em instrumentos de construção social, dando novos significados à tradição diante dos desafios históricos que se impõem.

## Referências

AMARAL, Rita. **Festas religiosas no Brasil: entre o sagrado e o profano**. São Paulo: Terceiro Nome, 2004.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando de; ANDRADE, Péricles. A romaria de Canudos nas batalhas da memória. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 123-137, jan./jun. 2011.

BALDOCK, José Augusto. **Cartilha de Itabaiana**. Aracaju: Infographics, 2017.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil; RODRIGUES, Rodrigo Pol. **Santo Antônio de Borba: devoção e**

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025*  
ISSN: 1982-193X



festa. [S.l.]: [s.n.], 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

CARVALHO, José Augusto. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. [S.l.]: [s.n.], 1973.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

COSTA, Francisco Romão. **Santo Antônio: entre a religião e o folclore**. [S.l.]: [s.n.], 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Cultrix, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Marcella; BARROS, Hildete; MOREIRA, João Luiz (org.). **Sentidos de devoção: cultura e religiosidade em Barbalha**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Eduardo. **Antônio Conselheiro: o homem, a obra, a guerra**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982.

LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 123-143.

MARTINS, José de Souza. **O popular e o religioso**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MENDONÇA, Carlos. **Evolução comercial de Itabaiana**. Aracaju: Infographics, 2015.

OLICK, Jeffrey K.; ROBBINS, Joyce. Social memory studies: from “collective memory” to the historical sociology of mnemonic practices. **Annual Review of Sociology**, v. 24, p. 105-140, 1998.

OLÁBARRI, José M. A ressurreição de Mnemosine: a memória como problemática histórica e historiográfica. **Topoi – Revista de História**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 145-174, jul./dez. 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Heróis e vilões: imagens de santos católicos no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1997.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Histórico, Rio de Janeiro, v.5, n,10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: Universidade, 1968.

ROZEAUX, Sébastien. Canudos n'existe plus! Histoire et mémoire d'un urbicide dans le sertão brésilien (1896-1897). In: **URBICIDES: destructions et renaissances urbaines du XVIe siècle à nos jours**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2020. p. 59-74.

SANTOS, José Américo. **Canudos: memória social e religiosidade sertaneja**. Salvador: EDUFBA, 2006.

### Referências Digitais

BRASIL. Lei nº 13.044, de 19 de novembro de 2014. Confere ao município de Itabaiana, Estado de Sergipe, o título de “Capital Nacional do Caminhão”. **Diário Oficial da União**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13044.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13044.htm). Acesso em: 28 jun. 2025.

PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS. Parque Estadual de Canudos – BA. Disponível em: <http://www.parqueestadualdecanudos.ba.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANUDOS. Cultura: tradição e história. Disponível em: ,  
<<https://www.canudos.ba.gov.br/cultura>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA. Festa dos Caminhoneiros: tradição e fé.  
Disponível em: <https://www.itabaiana.se.gov.br/noticia/festa-dos-caminhoneiros> . Acesso em:  
28 jun. 2025.